IPCA

IPCA recua 0,32%, menor variação para agosto desde 2022

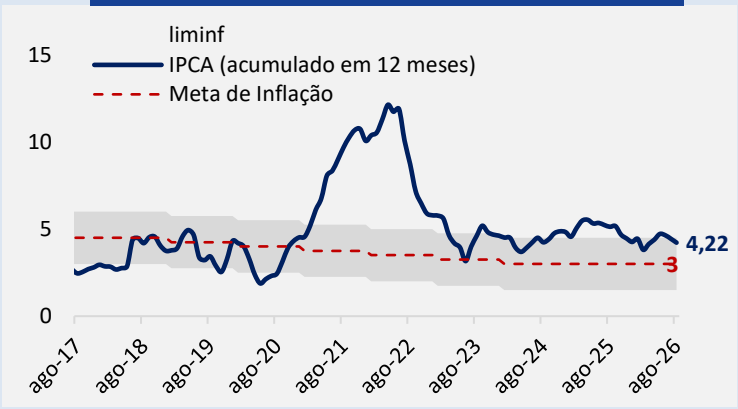
Índice Geral – agosto

Variação mensal	Acumulado em 12 meses
-0,32%	4,22%

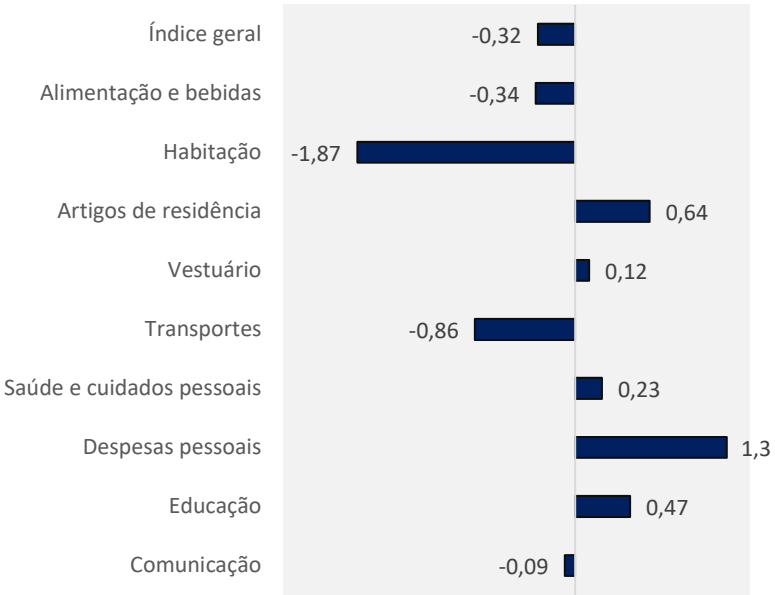
O Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) caiu 0,32% em agosto, sendo a menor variação para o mês desde 2022. O resultado amplia a sequência de desaceleração do IPCA para cinco meses.

Como consequência, a inflação acumulada em 12 meses recuou para 4,22%, permanecendo abaixo do teto da meta definida pelo Comitê de Política Monetária (Copom), de 4,5%.

Variação em 12 meses e meta de inflação (%)



Variação mensal (%)



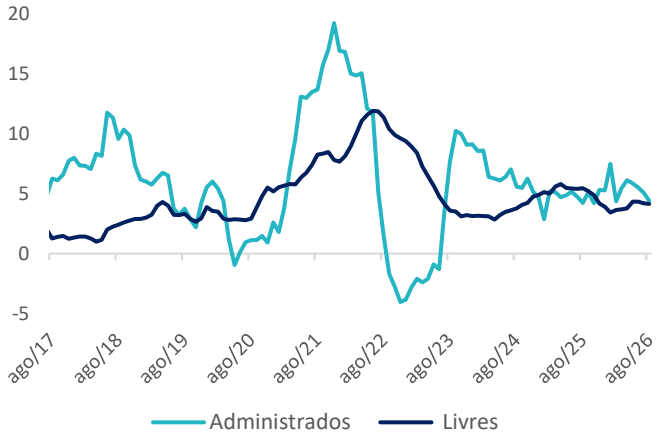
O IPCA de agosto de 2026, além de apresentar arrefecimento em relação a julho de 2026, ficou 0,21 p.p. abaixo do observado em agosto de 2025, quando o indicador havia recuado 0,11%.

A desaceleração mensal esteve associada ao arrefecimento em cinco dos nove grupos que compõem o índice: Alimentação e bebidas (-0,34%), Habitação (-1,87%), Transportes (-0,86%), Saúde e cuidados pessoais (0,23%) e Comunicação (-0,09%).

Fonte: IBGE.

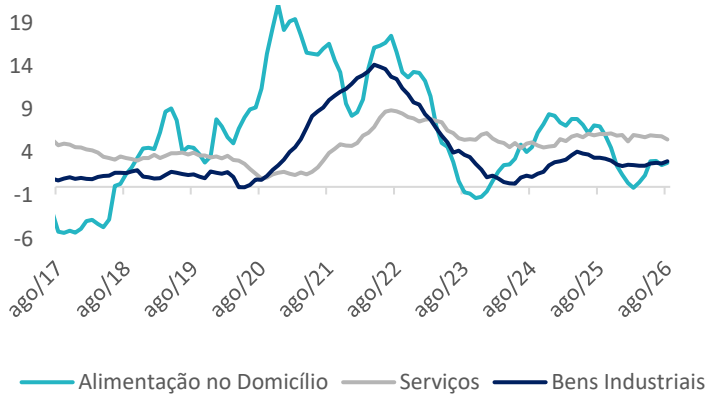
Preços livres e administrados[1]

Variação acumulada em 12 meses (%)



Aberturas dos preços livres

Variação acumulada em 12 meses (%)



Em agosto, a inflação do grupo de administrados desacelerou em relação a julho. A retração na margem foi de 1,25%, ante o aumento de 0,27% no mês anterior, acumulando alta de 4,41% em 12 meses. A leitura mais moderada no período corrente está associada, sobretudo, à desaceleração do item energia, devido ao impacto do bônus de Itaipu, que gerou recuo forte no grupo habitação.

No tocante aos preços livres, houve variação de 0,01% em agosto, superior à leitura de julho de 2026 (-0,01%) e bem inferior à variação de 0,07% observada em agosto de 2025. No acumulado em 12 meses, esse recorte ficou em 4,14%, caindo em relação ao mês anterior, quando havia registrado 4,19%.

Vale destacar que a inflação de bens industriais acelerou em agosto, com avanço de 0,43%, frente ao recuo de 0,10% no mês anterior. No acumulado em 12 meses, o grupo apresentou alta de 2,97%.

Ademais, a inflação de alimentação no domicílio ficou em 2,77% no acumulado em 12 meses até agosto. Sua perspectiva futura será condicionada pela dinâmica dos conflitos internacionais e pela intensidade dos efeitos climáticos sobre a produção agropecuária no Brasil.

Por sua vez, a inflação de serviços acumulou alta de 5,47% em 12 meses até agosto, apresentando desaceleração em relação ao mês anterior. É importante lembrar que a desaceleração dos preços no setor de serviços é fortemente correlacionada à atividade no mercado de trabalho. Por essa razão, esse é um dos grupos mais relevantes para a decisão do Copom sobre a continuidade, ou não, do ciclo de cortes na Selic, atualmente em 14%.

Perspectivas

Para os próximos meses, a perspectiva para a inflação no Brasil se tornou mais benigna, ainda que cercada por riscos relevantes. O conflito entre Irã e EUA preocupa. A região é fonte e passagem de grande parte do petróleo e derivados, dentre estes, os fertilizantes utilizados pelo agronegócio brasileiro.

A proximidade das eleições de meio de mandato nos Estados Unidos pode adicionar uma pressão "pacificadora" à condução do conflito no Oriente Médio por parte do governo Trump. Todavia, a recente tomada da ilha de Perim, no estreito de Bab el-Mandeb, pelos Houthis, grupo do Iêmen financiado pelo Irã, acrescenta tensão e potencial paralisia em dois dos mais importantes *chokepoints* do comércio internacional.

O balanço de riscos para o restante do ano permanece assimétrico para cima. Embora as expectativas de mercado para o IPCA de 2026 venham recuando semana a semana, a mediana do Focus ainda aponta inflação de 5,0% ao fim do ano, patamar acima do limite superior da meta.

Entre os principais riscos, destacam-se os efeitos da guerra no Oriente Médio sobre os preços dos combustíveis e os custos produtivos, além da possibilidade de pressões adicionais sobre alimentos associadas ao fortalecimento do El Niño no segundo semestre.

Dados da Administração Nacional Oceânica e Atmosférica dos Estados Unidos apontam probabilidade de 95% de ocorrência do fenômeno com intensidade muito forte no último trimestre de 2026. A confirmação desse cenário ampliaria o risco de altas em alimentos, energia e transportes, com potenciais problemas de navegabilidade nas hidrovias. A materialização desses efeitos, contudo, dependerá da intensidade dos eventos climáticos e de seus impactos sobre a produção agropecuária e energética.

No ambiente doméstico, ainda será preciso acompanhar os efeitos do impulso fiscal, marcado pelo crescimento do déficit, e as repercussões das políticas de crédito sobre a atividade econômica. Ambos têm potencial para limitar a potência da política monetária contracionista, reduzindo sua capacidade de desacelerar a economia e conter pressões inflacionárias.

PROJEÇÕES FIEMG IPCA	2026	2027
	5,03%	4,80%

Próximas divulgações

Data	Informativo
15 de setembro	Pesquisa Mensal do Comércio - PMC
16 de setembro	PIB MG
18 de setembro	Boletim Laticínios
29 de setembro	Mercado de Trabalho – CAGED

Ficha Técnica

REALIZAÇÃO
FIEMG – Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais

HIPERINTENDENTE DE DESENVOLVIMENTO DA INDÚSTRIA
Érika Morreale Diniz

RESPONSABILIDADE TÉCNICA
Gerência de Economia

GERENTE/ECONOMISTA-CHEFE
João Gabriel Pio

COORDENADORAS
Daniela Araujo Costa Melo Muniz
Juliana Moreira Gagliardi

EQUIPE TÉCNICA
Aguinaldo de Lima Assunção
Ana Guaraciaba Gontijo
Arthur Augusto Dias de Oliveira
Cibele Guedes Santiago
Geysa de Souza Silva
Ítalo Spinelli da Cruz
Luiza de Mello Teixeira
Pedro Rafael Lopes Fernandes
Stela Rodrigues Lopes Gomes
Thiago de Assis Gonzaga

OBSERVATÓRIO DA INDÚSTRIA DE MINAS GERAIS

Sistema FIEMG